

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. . 5090

N.º 2 — VOL. II.

Sabbado 9 de Janeiro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Ruínas do convento de S. Paulo, em Macau — O segredo perdido — A feira de Tintah — A tarde, entre a murta, continuação — Ilha de Porquerolles — Pesca do coral — Quanto valia ter rabicho no anno de 1799 — Apontamentos biographicos, Maximiliano II, rei da Baviera — Num album — Amor — Obituario — Explicação do enigma do numero antecedente.

GRAVURAS: — Maximiliano II, rei da Baviera — Ruínas do convento de S. Paulo em Macau — A feira de Tintah — Pesca do coral — Ilha de Porquerolles — Soberba.

Historia da actualidade.

O exercito inglez conseguiu na India, depois de cinco dias de combates, a vantagem de descercar Lucknow, libertando o general em chefe Campbell aos dois generaes Havelock e Outram, que ali estavam encerrados. As ultimas noticias dão o commandante em chefe obrigado a operar na defensiva, se lhe não mandam reforços.

— A força total do contingente federal de Zurich, é de 20374 homens, subdividida em 483 de engenharia; 1787 de artilheria; 306 de cavalleria; 1080 de caçadores; e 16718 de infantaria. A população do sobredito cantão é de 238500 almas.

— Corria noticia nos circulos mais autorisados de Madrid, de que o general O'Donnell vae ser elevado á dignidade de grande de Hespanha de primeira classe.

— O navio francez *Casa-Regis*, de Marselha, que conduzia negros livres, foi atacado por um cruzeiro inglez. Este facto excitou indignação, e os marechaes Pelissier e Canrobert, bem como o almirante Hamelin, excitam o imperador a pedir satisfação.

— O governo austriaco empenha quanto esforço é possivel para reconciliar a Inglaterra com o reino de Napoles.

— Corre noticia de que o filibusteiro Walker desembarcou em Punta Arenas, em frente de Grey-Town, á testa de uma partida de cento e cincoenta homens, a qual espera augmentar ali.

— A provincia de Oude, onde os inglezes muito terão de operar para vencer a sublevação, tem cinco milhões de habitantes, e conta mais de quatrocentos

fortes e fortalezas, que terão de custar grande numero de vidas.

— As ultimas noticias da China são tristissimas. Os mandarins duplicam as perseguições contra os christãos. Foram enforcados oito na praça de Kecho, capital de Ton-kin. Pertenciam estes martyres da fé catholica ás principaes familias do paiz. Em Ho-Tchong, e na Cochinchina a perseguição e carnificina são espantosas.

— O senado de Nova-York autorisou a emissão de vinte milhões de dollars em bomds do thesouro por um anno.

— O doutor Tholozan, medico francez, foi escolhido pelo seu governo, sob reclamação de Ferrouck Khan, para exercer as altas funcções de medico assistente á pessoa do shah da Persia.

— Annuncia-se a seguinte nova obra de mr. Guizot: *Memorias para servirem á historia do nosso tempo*. Estas memorias começam no anno de 1814.

— A congregação preparatoria dos Santos Ritos reuniu-se no dia 15 de Dezembro no Vaticano, para discutir os milagres do veneravel Bento José Labre, que nasceu na diocese de Array, em 26 de Março de 1748, e morreu em Roma na quarta feira da semana santa, do anno de 1783, na idade de trinta e cinco annos.

— Cartas de Bagdad annunciam a appareção do cholera n'aquella cidade.

— N'uma venda de livros e manuscriptos raros e curiosos, que ultimamente se fez em Londres, vendeu-se um exemplar do livro de — Cicero de *Senectute et Amicitia*, impresso em 1481, por 275 libras.

— Uma estatistica official de Hamburgo eleva o numero de emigrados ali embarcados a 23822, sendo 16766 para os Estados-Unidos; 3182 para o Canada; 1395 para o Brazil; 703 para Valdivia e Valparaiso; e 1701 para a Australia e outros pontos.

— Completou-se o ministerio succo pela nomeação do contra-almirante Ehnemarck para ministro da marinha.

— A casa Baring, de Londres, encarregou-se sózinha de fazer o emprestimo á Noruega, de cinco milhões e meio de francos, reembolsaveis em 1859.

— Na Belgica fixou-se o contingente do exercito para 1858, em 80000 homens; e da milicia, o maximo, 10000.

— A legação e consulado geral da Sardenha, n'esta córte de Lisboa, mudaram a sua residencia para o largo de Santa Catharina, n.º 12. Annuncia que ordenando o respectivo monarcha um recenseamento geral da população sarda, devem todos os naturaes d'aquelle reino, residentes n'esta capital, comparecer no dito edificio para se tomarem os devidos apontamentos. Convida igualmente os subditos d'aquelle nação a concorrerem á subscrição aberta em favor das familias que no outono passado foram victimas da inundação n'aquelle paiz.

— O sr. *Julio Maximo d'Oliveira Pimentel*, lente de clinica geral na escola polytechnica, foi nomeado director geral do instituto agricola e escola re-



Maximiliano II, rei da Baviera.

gional, vago pelo fallecimento do conselheiro *José Maria Grande*.

—No dia 6 do corrente cantou-se no templo das religiosas da Estrella um solemne *Te Deum*, em acção de graças de se haver extinguido em Lisboa a febre amarella. Foi muito concorrido, tanto por parte da cõrte, como pelas outras classes da sociedade.

—Foram cancellados em Londres, no dia 13 de Novembro passado, L. 3.166:304,1,7 de bonds portuguezes, debentures, e certificados.

—Fez constar a sub-inspecção geral dos correios que os sellos de franquia, da taxa de 25 réis, vão ser cunhados com tinta vermelha.

—Publicou-se a sexta edição do dictionario da lingua portugueza por Antonio de Moraes e Silva,

—Approvou-se, pelo ministerio das obras publicas, o contracto para a construcção de estradas ferreas no continente do reino, hoje conhecidas pelo nome de vias ferreas americanas, representando n'elle, por parte do governo, o visconde de Nossa Senhora da Luz, e pela futura companhia, Luiz Vicente d'Affonseca e Alfredo Courson.

—Foi eleito para patriarcha de Lisboa o ex.^{mo} sr. D. Manuel Bento Rodrigues, bispo de Coimbra.

Ruinas do convento de S. Paulo, em Macau.

O antigo collegio dos jesuitas, que a nossa estampa representa, não conserva de pé mais do que o frontespicio que se vê; todo o resto da fabrica foi pasto de um terrivel incendio e caiu em ruinas. Hoje estabeleceu-se no antigo local da igreja, para dentro d'aquellas portas do extincto templo, o cemiterio da povoação christã de Macau.

Aquellas ruinas são ainda formosas, todavia; o frontespicio, que se conserva em milagroso equilibrio, é muito superior em magestade á fachada da cathedral macaense, e aos demais templos da cidade, que são as parochias de Santo Antonio e S. Lourenço, a primitiva freguezia de S. Lazaro, e os conventos de S. José (das Missões), Santa Clara, Santo Agostinho, e S. Francisco.

Ainda em 1837 escreveu um autor francez que, este convento de que apresentamos a parte existente, a fachada, era na actualidade um edificio notavel pela grandeza e elegancia das suas proporções, um dos monumentos mais perfeitos que a *Renascença* produziu. Eis como escrevem das nossas coisas, e provavelmente das alheias, certos escriptores francezes!

Não fallamos agora de outros objectos concernentes a Macau, porque em diversos numeros do *Panorama* nos temos occupado em descrever muitos dos seus pittorescos sitios, e logares de gloriosa recordação, começando pela celebre gruta de Camões.

O segredo perdido.

De que modo chegou a coisa á minha noticia, e quem m'a contou, importa pouco. Baste saber que tinha sido enforcado, e que esta é a sua historia. E como, lhe perguntei, chegou a ser? . . . Não quiz dizer enforcado, por medo de offender a sua delicadeza; mas preenchi a palavra com um gesto expressivo.

—Como cheguei a ser enforcado? repetiu com voz rouca. Queria saber-o, não é verdade?

Elle estava sentado defronte de mim, no extremo da mesa, sem mais vestido que as calças e a camisa, com os pés descalços sobre a travessa da mesma. Os seus olhos tinham uma como fita negra, e como eram mais redondos que ovados, com sua pupilla fixa que brilhava friamente no centro da orbita, pareciam mais de fera que de homem. A sua frente, tambem de cõr sombria e lugubre, tinha raios azues e amarelos, como de uma contusão de alguns dias. Na barba, e por baixo das orelhas notava-se um suor viscoso, e a brisa do mar que penetrava suavemente pelas janellas abertas, (porque a noite estava calmosa), agitava-lhe os cabellos negros. Os seus dedos enxutos dobravam-se para dentro por causa de certa rigidez muscular involuntaria, e observei que tinha todo o corpo submettido a um tremor nervoso, mais regular

que espasmodico, semelhante ao do homem atacado do *delirium tremens*.

Eu tinha-lhe dado um cigarro. Depois de haver molhado a ponta na bocca, disse, dirigindo-me a vista, ou antes á parede por cima da minha cadeira:

—É inutil. Pode atormentar-me, esfoliar-me vivo. Pode raspar-me com limas, cozer-me em vinagre, e queimar-me os olhos com polvora; não posso dizer-lhe onde está o menino. Não o sei, nunca o sube! Que farei para convencil-o de que nunca o sube?

—O meu amigo, lhe respondi, não suspeita sequer uma coisa, e é, que longe de desejar que me diga onde está o menino, não tenho a menor curiosidade de saber onde pára. Permitta-me lhe diga que não vejo a menor relação entre um menino e a sua morte na forca.

—Que não ha relação! replicou com vehemencia. Essa é a relação; é a causa. Se não fóra esse menino não teria eu sido enforcado!

Não acabava de murmurar, e não sei o que ácerca d'esse menino: empurrei para elle uma garrafa de *clarea*. Encheu um grande copo, que entornou na guela, e observei que tinha os labios tão lisos á força de seccos, que o liquido formava n'elles globosinhos como gotas de agua sobre oleo. Em seguida começou:

—Tenho a desgraça de ter nascido ha trinta e sete annos. Eu era o fructo de um duplo infortunio, porque minha mãe era viuva de pouco tempo, e morreu ao dar-me á luz. Não direi qual era o meu nome antes de tomar a mascara que envenenou a minha vida. Mas não era um nome illustre, porque meu pae era tendeiro, e minha mãe tinha sido criada de servir. Dois parentes soccoreram o pobre orphão. Ambos eram meus tios: um paterno, outro materno. O primeiro era um ex-maritimo, rico e solteiro; o outro tinha ainda tenda. Era viuvo, tinha uma filha, e não estava bem estabelecido. Tinham-se essa antipathia glacial, fixa e vigilante, que inspira a um gato montez um cão demasiado grande.

Estes meus tios jogaram á minha custa uma miseravel partida de *volante* que durou quatorze annos. Eu ia d'um para o outro, igualmente maltratado por ambos. Uma vez meu tio Collerer descobria que meu tio Morbus me matava á fome, e tomava-me debaixo da sua protecção; outras, meu tio Morbus indignava-se pelos castigos que me dava meu tio Collerer, e insistia em que voltasse para sua casa.

Ambos me zurziam alternativamente, e me matavam á fome. Eu intentei, com a destreza que inspira um tratamento barbaro, fazer a cõrte a ambos. Só o conseguia lisonjeando o odio mutuo que se tinham. Punha-me bem com Collerer dizendo mal de Morbus; o meio de ganhar a afeição de Morbus era diffamar Collerer. E não creio que fosse muito injusto com elles, porque ambos eram maus. Ambos me teriam deixado perecer no meio da rua, se não fóra a esperança que tinham de se offenderem apparentando que me protegiam.

Quando tinha quasi quinze annos, occorreu-me a idéa d'escolher entre os dois tios. Naturalmente escolhi o mais rico, o maritimo Collerer; e suppondo que conheceu que o que eu preferia era o seu dinheiro, fingiu-se satisfeito vendo-me maldizer cordalmente ao meu tio Morbus, e abster-me da sua companhia; porque em tres annos não me aproximei de sua casa, e quando o encontrava na rua deixava-lhe livre o passo sem attender ao murro fechado que me mostrava, nem ás imprecações que me dirigia.

Ainda que meu tio Collerer renunciara ao mar, não deixava de querer ganhar dinheiro. Fazia emprestimos sobre penhores, e tinha outros negocios mysteriosos. Não tardei em ser a sua mão direita, e ajudava-o a opprimir os necessitados, a fazer declarar em quebra os pobres mercadores, e a pellar os prodigos quando partiam para a expedição que concluia pelo carcere. Meu tio estava contente comigo, e ainda que era miseravel em casa, eu vivia com a esperança, como o rato no seu buraco.

Muito tempo antes tinha eu conhecido Mary Morbus, menina delicada e enferma; muitas vezes a tinha atormentado, outras muitas lhe tinha roubado os seus bonitos. Mas cresceu com os annos em formosura, e eu estava namorado d'ella. Viamo-

nos ás furtadellas no passeio ao domingo, junto da loja de seu pae, em quanto este dormitava na igreja. Eu supuz que era amado. O meu rosto pallido, os meus cabellos embaraçados e a minha tosca linguagem não eram para enamorar uma joven; mas o seu coração estava cheio d'amor. O meu experimentava novas sensações. As esperanças fixavam-se-me em uma coisa mui differente do dinheiro de meu tio. Fizemos todas as fugitivas promessas d'eterna constancia que os rapazes costumam fazer, e ainda que sabedores dos odios fe-rozes que se oppunham á nossa dita, entregámos ao tempo e á fortuna o cumprimento de nossos votos, e continuámos amando-nos e esperando.

Uma noite, á hora da cã, que consistia em um pouco de pão e queijo de Hollanda, com uma pinga de cerveja de má qualidade, observei que meu tio Collerer tinha o modo mais maligno e sombrio que de costume. Fallava pouco, e no modo como o fazia, parecia estar furioso.

Concluida a cã, dirigiu-se a uma mesa velha, onde costumava guardar os papeis importantes, tirou um masso d'elles e poz-se a lê-os. Prestei pouca attenção, porque era aquella a sua leitura favorita ás noites, e na vespera dos vencimentos passava as horas mortas examinando lettras de cambio, e ás vezes lamentando-se na cama grande parte da noite porque temia que não lh'as pagassem no dia seguinte. Depois de ter lido aquelles papeis, atirou-os para cima de mim, e saiu sem dizer palavra. Em seguida senti-o subir ao alto da casa onde era o meu quarto.

Abri o masso com mão tremula. Achei todas as cartas que tinha escripto a Mary Morbus. Affigurava-se-me que a casa andava á roda. A carteira branca que tinha diante, e as cartas negras que bailavam em cima, era quanto podia ver. O mais, quarto, casa, universo, não era senão um abysmo tenebroso, impossivel de descrever. Procurei ler uma linha das que eu sabia de memoria havia mezes; mas para a perturbação dos meus sentidos, seria o mesmo se tivesse á vista caracteres cal-deus. Então ouvi na escada os pesados passos de meu tio.

Entrou no quarto trazendo consigo uma mala-sinha preta em que eu guardava coisas que ninguém devia saber.

—Tenho uma chave que abre isto, disse, e tenho lido todas as cartas amorosas, que essa tonta te tem dirigido. Mas as tuas, que me enviou esta noite teu tio Morbus, edificaram-me muito mais. Eu sou um patife manhoso, não é verdade? Você vive com a esperança, não é certo? A esperança engana, amiguinho. Tenho que acrescentar duas palavras; disse meu tio depois de alguns instantes de silencioso socego, que contrastava com a minha consternação. Todo o seu fato está n'esta mala. Ou você renuncia para sempre a Mary Morbus, escrevendo-lh'o em minha presença, ou vac direitinho para a rua. Decida-se, depressa e claro.

E dito isto accendeu o cachimbo.

Em quanto fumava tranquillamente, occupava-me eu da minha triste deliberação. O amor, o medo, o interesse, a cubiça, a maldita cubiça, triumphavam alternativamente no meu espirito. Por fim, a minha covardia inspirou-me a idéa de contemporar: se fingia renunciar a Mary, protestando-lhe em segredo a minha constancia, podia conservar com esta dolosa manobra a esperança de herdar a fortuna de meu tio. Para vergonha minha adoptei esta resolução, e mostrei-me decidido a fazer o que de mim exigia.

—Escreve, pois; continuou, dando-me papel e penna. Vou dictar.

Peguei na penna e escrevi, não sei o que, mas supponho que alguma infamia para dizer a Mary que renunciava á sua mão.

—Isto hade arranjar o negocio, disse meu tio quando conclui. Não é necessario dobral-a, fechala, nem franqueal-a, visto que. . . ih, ih, ih. . . podemos entregal-a em mão propria.

Achavamo-nos em uma salasinha separada de outra por uma porta. Meu tio abriu-a, e com uma cortesia burlesca introduziu meu tio Morbus e sua filha Mary.

—Uma carta para você, querida, disse o velho com riso sardonico; uma carta de um fiel amante. Mas não será preciso que a leia, presumo eu, porque me terá ouvido. Tenho a palavra bas-

tante clara, ainda que seja asmático e não possa viver muito tempo; muito tempo não, ein, sobrinho?

Era uma citação tirada da minha correspondência.

Quando Mary pegou na carta que meu tio lhe dava, tremia-lhe a mão. Mas quando por acenos lhe pedi que olhasse para mim, conjurando-a a que me acreditasse fiel, dirigiu-me um olhar de desdenhosa incredulidade, e retorcendo nas mãos o miserável papel atirou-o para longe de si.

—Você casar com minha filha! gritou meu tio Morbus. Você! Seu pae não pôde pagar a duodecima parte das suas dividas. Devia-me dinheiro, e ainda m'o deve a estas horas. Porque não haverá leis que obriguem os filhos a pagar as dividas dos paes? Casar você com minha filha! Acredita que eu queira por genro ao filho de seu pae, ao sobrinho de seu tio?

Entendi que o laço temporario que tinha unido os meus dois tios começava a desatar-se, e alentou-me uma miserável esperança.

—Saia d'aqui, você e sua filha, exclamou meu tio Collerer. Já determinámos este negocio. Agora vão-se!

Vi os dois vegetes disputando com voz debil no corredor, e Mary que chorava ardentemente sem dizer palavra. Depois bateu a porta da rua com violencia, e meu tio entrou murmurando e fatigado.

—Creio que estará agora satisfeito, tio, lhe disse eu.

—Satisfeito! gritou pegando no frasco onde tinha o tabaco como quem queria atirar-m'o á cabeça. Satisfeito! Vou satisfazer-o a você. Vá-se, e que não torne eu a ver essa cara patibular!

—A sua intenção não é mandar-me embora? balbuciei.

—Vá andando com essa bagagem. Se você se demora uma hora chamo a policia.

—Mas onde irei?

—Pedir esmola; vá para o diabo, ou para casa de seu tio Morbus. Vá para onde quizer.

Ditas estas palavras, empurrou-me para a escada, da escada para a porta, da porta para a rua; depois, atirou-me a mala com um pontapé, tudo sem a menor resistencia da minha parte. Deu-me com a porta na cara, e achei-me á meia noite no meio da rua.

Aquella noite passei-a n'um café. Tinha algum dinheiro, e no dia seguinte tomei um alojamento de quatro scillings por semana, creio que em uma travessa de Holborn, entre Gray's Sun e Leather-Lane. O meu quarto era no mais alto da casa: era um quarto interior, e quando abria a janella só via uma cinta estreita do ceo, e um grande montão de chaminés, telhados enfumados, e a imponente e sombria torre de ladrilho d'uma igreja que sobressaía a tudo: nunca sube onde era a igreja.

Escrevia incessantemente cartas a Mary e a meus tios, mas nunca recebi resposta. Eu vagava todo o dia pelas ruas, comendo carnes frias e pão demá qualidade. Antes de chegar a noite, pela qual suspirava, ia para casa deitar-me. De dia não sabia a quem me dirigisse para achar emprego, e não conhecia nenhum meio de conseguil-o. A casa que habitava estava cheia de emigrados estrangeiros e de charlatães cuja algaravia não comprehendia.

O meu pequeno peculio diminuía visivelmente, e em dez dias tinha nascido na minha cabeça o pensamento do suicidio. Necessita-se fazer certa aprendizagem para chegar a amadurecer esta idéa. O melhor mestre para ella é esse estado de abandono no meio da multidão, o alimento insufficiente e a perspectiva de morrer de fome depois de gastar o dinheiro que se possui, tendo vendido a casaca e o collete. Elle põe-nos na mente o estado que se caracteriza nos tribunaes por alienação temporaria. Resolvi morrer. Gastei o meu ultimo scilling em laudano comprado em diferentes boticas, com o pretexto de padecer certas dores, porque sabia que não davam doses grandes a um desconhecido. Levei os diferentes frascos para minha casa, e deitei o licor em um copo. Fechei a porta com o ferrolho, sentei-me em cima da mala fatal, e procurei orar, mas não pude.

Eram quasi nove horas da noite; estávamos no verão. Quando me achava sentado na mala ouvi um grande ruido, e a mistura de vozes irritadas, sem comprehender uma só palavra. O ruido foi

seguido d'um tiro de pistola. Ouço agora tudo tão distinctamente como ha vinte annos; depois soou segundo. Chegando á janella, vi duas mãos cobertas de sangue, e ouvi uma voz que pedia socorro pelo amor de Deus. Sabendo apenas o que fazia, trouxe para o quarto um corpo, cuja figura não era mais que uma posta de sangue. Conservou-se de pé no sitio em que o depuz. O seu olhar era o do homem que encarou largo tempo o sol. Depois começou a mover-se, percorreu a habitação, deixando em toda a parte signaes de sangue. Eu seguia-o sem saber o que fazia. Por fim caiu de bruços sobre a minha cama.

Accendi como pude uma vela. Estava morto. Tinha as feições tão mutiladas, tão desfiguradas pelo fogo e sangue, que era impossivel distinguir uma só. Sem duvida recebera o tiro á queimadura, porque parte de seus negros cabellos estava queimada: na mão esquerda conservava uma pistola que evidentemente acabava de ser disparada.

Vinte minutos pelo menos estive assentado junto d'aquelle horrivel objecto, aguardando o resultado do alarme que não podia deixar de haver, e consultando o que devia fazer. Mas tudo permaneceu tão silencioso como um sepulchro. Parecia que ninguem da casa ouvira o tiro, e ninguem de fora lhe prestara attenção. Olhei pela janella; mas a sombria massa de telhados e chaminés tinha escurecido, e tudo estava immovel. Só a luz que deitei fora da janella alumiu tristemente um mar de sangue.

Comecei a pensar que poderia ser accusado do assassinato d'aquelle desconhecido. Eu, que havia pouco quizera matar-me, tive medo, e tremi como as folhas com a idéa do supplicio. Procurei então persuadir-me que era victima d'um horrivel pesadelo; mas na cama estava o cadaver, e os signaes do seu sangue viam-se na mesa, na cortina, e nas paredes do quarto.

Examinei com mais detenção o corpo. O morto era da minha estatura, e corpulencia. A respeito da sua idade, não podia julgar. Os cabellos eram compridos e negros como os meus. Em um dos bolsos achei-lhe uma carteira contendo porção de papeis escriptos com letra fina e miuda, e em idioma que me era desconhecido. Havia mais uma somma consideravel em bilhetes de banco. No collete tinha seu relógio de ouro, e em um cinto, duzentos soberanos inglezes.

Que demonio me inspirou aquelle registro? ignoro-o; mas depressa tomei a minha determinação. Ella saiu completamente armada do meu cerebro, como Minerva da cabeça de Jupiter. Eis o plano que concebi. O morto seria o vivo, e o vivo o morto. Em menos tempo do que o necessario para contal-o, despojei o cadaver, e vestindo-o com o meu fato, tomei o seu sem esquecer a carteira, o relógio, nem o cinto. Depois atirei a vela accesa para a cama, carreguei o chapeo até aos olhos, e desci a passo acelerado. Não encontrei ninguem na escada, e saí para a rua. Ninguem me seguia. Só quando atravessava Holborn, na altura da igreja de Santo André, vi as bombas de apagar incendios que corriam com estrepito; e perguntando com ar indifferente onde era o fogo, responderam-me que era para Gray's inn Lane.

Aquella noite não dormi. Não me recordo bem o que fiz; tenho uma lembrança confusa de ter atirado soberanos sobre mesas de café resplandecentes de gaz. Ainda não sei como não morri de embriaguez, sendo tão pouco costumado a beber. No dia seguinte de manhã li em um periodico o seguinte:

Suicidio e incendio perto de Gray's inn Lane.

«A noite passada, os habitantes de Hustle Court, Gray's inn Lane, foram despertados por turbilhões de fumo que saíam das janellas do numero 5 d'esta court. O dono, mr. Plose, entrou em um quarto do terceiro andar, e achou a M... que occupava, morto, suicidado com a pistola que o desgraçado tinha ainda na mão. Ou fosse pelo contacto da buxa accesa ou por outra causa, o fogo pegou na cama, que se queimou com parte dos moveis.

«As bombas chegaram promptamente, e com muito trabalho se conseguiu apagar o fogo sem mais damno que o causado na habitação da victima. O corpo e a cara do morto estavam horrivel-

mente mutilados; mas os seus papeis e vestidos apresentavam indicios para comprovar a identidade.

«Não se conhece a causa d'este acto de desesperação; e parece que se tivesse prolongado por algumas horas mais a existencia, adquiriria a fortuna de trinta mil libras esterlinas, como herdeiro de seu tio Gripple Collerer, que havia fallecido na vespera.

«A policia instruiu o competente summario, e transmittiu-o ao tribunal do districto para os effeitos convenientes.»

Tudo estava perdido: nome, existencia, e trinta mil libras, por umas quatrocentas em ouro e em bilhetes.

—Então, disse eu aproveitando uma pausa do enforcado, apresentou-se você mesmo afim de provar a sua identidade, e não o tendo conseguido, foi justicado por assassino e incendiario?

Esperava a resposta. Elle tinha accendido um cigarro, e fumava. Vendo-o tranquillo, julguei a proposito não o estimular com outras pergunta e esperei que respondesse quando quizesse. Não tive d'esperar muito tempo.

—Não, tornou elle; continuei sendo o que fui aquella noite, e ainda sou, se por acaso sou ainda alguma coisa. N'aquelle mesmo dia em que appareceu o artigo citado parti na diligencia. O meu desejo era afastar-me de Londres e sair d'Inglaterra.

Chegámos a Hull. Fui de Hull a Hamburgo, o porto que havia mais perto. Ali vivi seis mezes em uma estalagem barata e solitaria, procurando n'esse tempo aprender o alemão, porque, examinando bem a carteira, adivinhei que muitos dos papeis que continha estavam escriptos n'aquelle idioma. Eu era mau estudante; mas ao fim de seis mezes conhecia bastante o alemão para saber que o morto se chamava Muller, e que tinha estado em França, na Russia e na America.

Consegui traduzir alguns fragmentos de um diario; mas reduzia-se a impressões de viagem. De vez em quando alludia ao seu segredo e á sua missão; porém nunca pude saber que segredo era esse, nem qual a sua missão. Também se tratava de um tigre azul, e d'uma gazella, nomes ficticios, supponho eu, para designar relações suas. A maior parte dos papeis estava escripta em cifra que não pude comprehender por mais que fizesse. Tomei o nome de Muller, muito commum em Hamburgo, e ninguem descobriu a minha usurpação.

Costumava todos os dias ir fumar o meu cachimbo a uma grande taberna extramuros, e quasi sempre se assentava á mesma mesa um homemsinho gordo, com seu albernoz pardo, que bebia cerveja e fumava sem cessar. Eu era desconfiado e evitava o contacto; mas a pouco e pouco estabelecemos ambos pacificas relações de taberna.

Uma noite que tinhamos consumido muito tabaco, perguntou-me se já tinha provado a cerveja da Baviera, accrescentando que era a melhor de todas, e que deixava muito atraz as outras d'Alemanha, pelo que se offerencia a pagar liberalmente um copo. Eu estava alegrinho e consenti. Bebemos, pois, uma garrafa de Baviera, outra e outra, de tal sorte que á força de beber, de fumar, e de ouvir o chic chac do dominó, andava-me a cabeça á roda.

—Agora, disse o meu camarada, vamos beber uma pinga de aguardente. Tomo-a sempre depois da cerveja bavara. Não a beberemos n'esta casa, mas aqui ao lado, em Grune Gans, honrada casa de Max Rombach.

Achava-me n'esse estado em que quanto mais se bebe mais vontade ha de beber, e segui o homem do albernoz pardo. Não sei quantos copos d'aguardente consumimos; mas no dia seguinte achei-me na cama com dór de cabeça e sede devoradora. Meu primeiro movimento foi saltar ao chão e procurar a carteira.

Tinha desaparecido. Perguntei aos criados da estalagem: ninguem me deu noticia d'ella. Eu fóra conduzido muito borracho, em uma carruagem, por um homem de albernoz pardo que disse ser meu amigo, e me ajudou a subir a escada e a despir-me. As averiguações feitas revelaram que era um ladrão. Evidentemente não o tinha tentado o dinheiro, porque os bilhetes que me restavam tinham sido extrahidos da carteira onde os tinha, e achei-os perfeitamente dobrados no bolso do collete.

À noite voltei á taberna sem a menor esperança de achar ali o meu companheiro; mas com tenções de perguntar por elle.

Com grande surpresa minha achei-o na mesa do costume, fumando e bebendo como todos os dias; e ao meu glacial comprimento respondeu alegremente, suppondo, disse, que a minha cabeça não se teria resentido da *perua* da vespera.

—Uma palavra, disse eu.

—Com muito gosto, replicou. E pondo o seu chapéo de abas largas, seguiu-me ao jardim que havia atraz da casa com surpreendente promptidão.

—Hontem á noite estava borracho, comecei.

—Bah! respondeu elle imperturbavelmente.

—E aproveitando a minha embriaguez, roubou-se-me a carteira.

—Bah! repetiu elle com o mesmo socego.

—E atrevo-me a assegurar sem a menor duvida que fostes o ladrão.

—Bah! Tendes razão, meu filho, replicou elle com o maior sangue frio. Tirei-vos a carteira. Aqui a tenho; olhae.

Batendo no peito vi debuxar-se claramente debaixo do seu albernoz pardo a forma da minha carteira com o fecho no centro. Saltei-lhe com intento de lh'a tirar; mas elle evitou com presteza o meu ataque, e, afastando-se um pouco, fez soar agudamente um apito de prata. No mesmo instante caiu-me sobre a cabeça uma capa ou panno. Senti que me atavam as mãos, e sem ter occasião para defender-me fui arrebatado.

Deus sabe para onde.

Em breve parámos. Fui levantado mais alto, assentaram-me em uma cadeira, fechou-se uma porta com violencia, e o movimento de rodas provou-me que me achava em uma carruagem.



Ruínas do convento de S. Paulo, em Macau.

A minha viagem durou muitas horas. Paravamos de vez em quando, creio que para mudar de cavallos. Ao principio fiz esforços phreneticos para soltar-me, e fazer ouvir os meus gritos. Mas estava tão preso e amordaçado, que depressa cessei abatido e desesperado. Por fim parámos. Outra vez fui agarrado e levado por espaço d'uns dez minutos. Pela difficuldade com que respirava, julguei que tinhamos entrado em alguma casa, e talvez atravessavamos um subterraneo. Subimos e descemos escadas. Ouvi abrir e fechar portas. Por ultimo deitaram-me em uma superficie dura. Tiraram-me a mordaza e as ligaduras, fechou-se uma porta pesada, e fiquei em liberdade de mover-me e fallar.

Continua.

A feira de Tantah.

Nos primeiros dias de Abril ha annualmente n'este ponto o *Chouroum* ou feira, que a não ser a mais celebre, é a mais famosa de todo o oriente. Indigenas e estrangeiros ali concorrem de toda a parte, reunindo assim mais de cento e cincoenta mil pessoas. O pachá destaca para ali um corpo de quatro mil homens afim de manter a ordem; e em pessoa vae tambem a esta cidade, n'aquella occasião, acompanhado da sua côrte, não para se entregar na solidão do seu palacio, como alguns affirmam, a praticas religiosas, mas para gosar, como o commum dos mortaes, dos especiaes divertimentos d'estes dias de festa.

E de feito, o prazer está ali no seu verdadeiro elemento, porque nada o constrange, sendo então as leis mudas, por assim dizer, e tolerada a licença. É a unica epoca do anno em que as mulheres tem liberdade de sair do harem sem requito; e o escriptor de suem tomamos esta noticia diz: — « que, se não pode garantir nem a decencia, nem a virtude das que usam de tal permissão, pode afirmar que accorrem em grande numero. »

Será do mesmo autor que transcreveremos as palavras da descripção:

« Ouviramos, tanto na Alexandria como no Cairo, fallar entusiasticamente d'esta festa; e era, para nos estrangeiros, favoravel a circumstancia de nos acharmos no Egypto na mesma occasião em que ella ia ter logar, sendo o unico ensejo talvez de estudarmos os costumes do oriente, por assim dizer, a ceo descoberto. »

« Depressa nos resolvemos, e fizemos os necessarios preparativos. No Egypto não se viaja co-



A feira de Tantah.

« mo na Europa, e cada um
 « se vê forçado a transpor-
 « tar consigo uma casa com-
 « pleta, cama, e sustento.
 « Provemo-nos, portanto,
 « de uma barraca e provi-
 « sões para tres dias. No
 « dia determinado embar-
 « cámos no caminho de fer-
 « ro, e em menos de duas
 « horas achámo-nos em Tan-
 « tah. Foi o primeiro cui-
 « dado, coadjuvados pelos
 « nossos arabes, a escolha
 « d'um sitio aprasivel para
 « fixar a barraca, e depará-
 « mos com um bosquesinho
 « de sycomoros, a distan-
 « cia de quasi milha da fei-
 « ra. No entanto que a nos-
 « sa gente preparava a ha-
 « bitação e o jantar, fomos
 « fazer uma diversão pela
 « cidade, e visitar a feira.

« Tintah é uma cidade
 « do Baixo-Egypto, situa-
 « da quasi a quinze leguas
 « do Cairo. O paiz tem o
 « mesmo aspecto de uni-
 « formidade que encontrei
 « por toda a parte — fe-
 « racissimas planicies, cuja
 « verdura e fertilidade pa-
 « recem peculiares do Eyp-
 « to, atravessadas por um
 « canal que derrama suas
 « aguas por aquellas ter-
 « ras; aqui e ali, alguns
 « ramalhetes de palmeiras
 « como a descansar e refres-

« car a vista. Geralmente no Egypto só ha quadros
 « eguaes a estes, ou então deserto.

« Em Tintah só vi notavel um bazar. No Cai-
 « ro e em Alexandria não ha outro que se lhe as-
 « similhe. Depois uma mesquita, imponente pela
 « sua massa, construida toda de granito. Logo no
 « portico está a fonte para as abluções; e segue-se

« uma sala immensa, no centro da qual se levanta
 « um nicho que serve para indicar aos fieis para
 « que lado se acha Meca. Á direita um pulpito, e
 « defronte do pulpito a estante onde se colloca o
 « koran. Tres renques, cada um de quatorze colum-
 « nas de marmore, e de graciosos arabescos que
 « correm e se intercotam em todas as direcções,

« sem symetria, fazem parecer este edificio mais
 « obra do capricho e phantasia da arte, do que
 « trabalho serio e grave. Apesar d'isso encanta
 « pela originalidade.

« O palacio do pachá assimilha-se no exterior
 « a uma granja restaurada; mas no interior é de
 « prodigiosa riqueza.



Pesca do coral.



Ilha de Porquerolles.

«Tantah, fora d'estas occasiões de festa, é uma cidade importante e populosa; mas durante a feira, quasi que desaparece de todo no meio d'uma floresta de trinta mil barracas, que a cercam de todos os lados, a duas ou tres milhas de distancia, e cujas flechas e graciosas grimpas se confundem nos ares. Ha-as de todas as formas e grandezas, e com seu brilhante e variado colorido cingem a cidade com um cinto cujas côres vão esbater e confundir-se no horisonte. Esta scena, já de si tão pittoresca, torna-se mais animada pela concorrência de todos os povos do oriente e do occidente, usando cada um seu traje nacional. Ahi se encontram o *fellah*, (egyptio) com o passo indolente e preguiçoso, a physionomia servil, e sua grande roupagem azul, branca, ou preta; o *cophita*, o *armenio* com o andar não menos indolente, e traje igualmente miseravel, mas de rosto severo e magistral, servindo apenas a distinguil-os o grande e volumoso turbante negro enrolado á cabeça; o *turco*, de fero porte, olhar grave e altivo, com o trajar amplo e rico. Vem depois os europeus, representados por francezes, inglezes, alemães etc. Este cantinho do globo encerra por tanto, n'aquella epoca do anno, uma amostra de grande parte dos povos e costumes da terra.

«Giravamos ali difficultosamente, porque o espaço que separa as barracas é estreito, e sempre atulhado de cavallos, dromedarios, seus conductores etc. Graças porém ás *courbachas* dos soldados do vice-rei, pode qualquer sem perigo aventurar-se n'este immenso formigueiro humano. A *courbacha* é um chicote com que fustigam aquelles que apanham em flagrante, ou obstruem o caminho. Além d'isto cada um de nós ia munido d'um excellente cacete, para ajudar o soldado em momento opportuno; não porque fosse nosso intento acompanhar os guardas de sua alteza n'estes brutos excessos, mas para conservarmos os *fellahs*, cuja asquerosidade é proverbial, a respeito da distancia. Era tamanho o calor, que depois de percorrermos a feira, e entrarmos n'alguns botequins arabes, voltámos para a nossa barraca, e resolidos a não sair senão á noite.

«Apenas é sol posto acabaram-se os negocios. É então que começa o reinado do prazer. As oito horas todas as barracas se illuminam; as mulheres principiam a sair á rua; e as que se acham nos botequins a rir e a cantar. Estas ultimas são negras, de labios grossos, cabello encarapinhado, e largas ventas atravessadas por um, ou mais anéis. Estas pobres e hediondas creaturas, que se dão em espectáculo por um pedaço de pão, inspiraram-me verdadeiro desgosto. Uma hora depois a animação contagia-se pela classe mais elevada que circula nas ruas. É o momento de se franquearem essas vastas e mysteriosas habitações que encerram as bailarinas, cujas voluptuosas danças tem tamanho attractivo para os poderosos do oriente. É só no tempo do *Chouroum* que o publico pode, mediante um salario, ser admittido a taes representações.

«Seguimos pois a multidão com grande curiosidade, e a primeira impressão, ao entrarmos na sala, foi de decepção. Em vez do luxo oriental que achamos em Marselha no *café Cannebière*, introduziram-nos n'um recinto quasi nu. Nem ricas armações de seda e ouro, nem commodos divans, pois nos fizeram sentar em bancadas de pau cobertas de pessimo damasco. Talvez que esta má predisposição me induzisse a julgar mais friamente o espectáculo que tinha ante os olhos, pois a dança hespanhola me pareceu, sob aspecto artistico, superior á d'aquellas bailadeiras. A dança a que assistiamos não passava de ser, pelas posições e passos repentinos, uma pantomima imitativa de amores faceis e não mui pudicos. A mais celebre das suas danças intitula-se a *vespa*. A bailarina finge-se picada por este insecto, e dançando ao som d'uma orchestra que se não vê, despe successivamente todos os vestidos e adornos, cantando com tom doloroso: «*a vespa! a vespa!*» A proporção que despe alguma parte do vestuario lança-a aos espectadores; a um o cinto; a outro o veio; áquelle uma fita; a este a túnica etc. Então encontra a vespa, e mata-a n'um supremo esforço; depois, sempre cantando e dançando ao som da orchestra, reveste as peças que despira.

«Esta dança é realmente engraçada, e enthusiasma os musulmanos até ao delirio. Lançam guineos a punhados aos pés das silphides. Escolhemos para a dançar uma formosa rapariga, e demos-lhe tres guineos por uma hora que nos consagrou. Havia na vespera sido chamada a palacio com varias companheiras para darem algumas representações ás altezas. No palacio as danças prolongaram-se até dia, e setenta e cinco guineos tinham recompensado o talento e a graça da nossa joven bailarina; a pobre rapariga estava muito fatigada, e talvez que esse mesmo cansaço juntasse mais encanto á dança por aquelle ar de preguiçosa languidez que lhe ficava a matar.

«Passados tres dias em espectaculos tão estranhos para nós, regressámos ao Cairo com alguns conhecimentos mais, e muitas illusões de menos. Debalde havíamos procurado entre aquellas formosas houris, o typo gracioso e perfeito que desabrocha sob o vivificante sol do oriente: tinhamos-lhe pedido em vão aquella desconhecida belleza, sonhada sob o veio, ou occulta pelos muros do harem, e tivemos de reconhecer ainda uma vez mais, que fomos levados pela imaginação muito além da realidade.»

A tarde, entre a murta.

Continuação.

SCENA II.

(D. João tem-se levantado. Sophia tendo visto sair Bonnefois, vem para junto de D. João; passando pelo espelho, revê-se momentaneamente.)

D. JOÃO.

Tens razão em ser vaidosa, minha adorada Sophia, pois não ha sobre a terra mulher mais linda do que tu, nem homem no mundo mais feliz do que eu!... dá-me a tua mão; deixa-m'a beijar, meu anjo. (*Sophia consente; sentam-se no sofá*)

SOPHIA.

Aquelle homem poderá imaginar que a nossa amizade é puramente fraternal?

D. JOÃO.

Somos tão moços ainda, Sophia, não achas?... dá-me a tua mão... (*mirando-a e com muita ternura*) Que linda mão que tu tens!...

SOPHIA.

Tomara eu poder-t'a dar! (*triste*) Não pode ser.

D. JOÃO.

Não falles n'isso, Sophia, que me fazes mal.

SOPHIA.

Mas olha, meu João, eu não quero que o mundo saiba que tanto nos amamos, e que somos tão nosos, toma cuidado, meu amor... Olha (*concertando-lhe um pouco o lenço do pescoço*) não andes tu toda a noite a fazer-me a côrte; (*pondo-lhe a mão no hombro*) e saiba o senhor D. João que está prohibido de dançar comigo mais de uma contradança.

D. JOÃO.

Isso dizes tu sempre; mas em me não vendo um instante que seja, já entras a mandar-me chamar... em eu dançando tres quadrilhas com as outras, ahi vem logo a minha adorada Sophia, de testa franzida, impôr-me a condição de dançar com ella mais uma contradança, e uma valsa, e (ainda mais) de ser toda a noite seu *vis-à-vis*.

SOPHIA.

(*Com muita meiguice*) Se eu gosto tanto de ti, meu João, se eu tenho tantos ciumes teus... Não me dirás para que heide gostar assim tanto?...

D. JOÃO.

Cala-te, Sophia, que tambem se morre de felicidade...

SOPHIA.

Oh! João, deixa-me dizerte assim—amo-te, amo-te como uma doida, não gosto senão de ti, e n'este mundo ninguem podia ser teu rival... que linda frente a tua, João! De quem senão meus, esses pensamentos todos que ahi tens?...

D. JOÃO.

Oh Sophia! como me fazes sentir o que eu nunca tinha sonhado!

SOPHIA.

Como eu teria orgulho se fóra tua mulher!...

D. JOÃO.

(*Atalhando*) Não falles n'isso.

SOPHIA.

Porque é impossivel.

D. JOÃO.

Impossivel não ha nada n'este mundo.

SOPHIA.

(*Levantando-se e mudando de tom*) Oh! não digas isso, não quero eu. (*toca a campainha depois perguntando a D. João com alguma frieza*) Que horas são?...

D. JOÃO.

(*Tirando o relógio*) São dez.

SOPHIA.

Hoje vou entrar no baile muito cedo... que sensaboria!...

D. JOÃO.

Ficaste mal comigo?...

SOPHIA.

Não... eu sim!... porque? sabes o que eu queria?... era que esta palavra impossivel não existisse; eu em ouvindo dizer é impossivel, tenho uma vontade...

D. JOÃO.

Mas... (*chega uma criada*).

SOPHIA.

(*Á criada*) Manda chegar o caleche.

D. JOÃO.

Mas diz-me tu, Sophia, quem te obriga a ir tão cedo?

SOPHIA.

Não sei, estou exquisita; sou nervosa, como tu sabes... e de mais, quando a gente ama como eu amo, nunca sabe o que deseja, nunca está contente. Sabes tu uma coisa?... tiveste razão no que ainda agora disseste; eu ás vezes lembro-me de querer occultar ao mundo este amor que por ti sinto, as relações que nos unem...

D. JOÃO.

Meu anjo!...

SOPHIA.

E ao mesmo tempo, quando me parece que as outras mulheres teem inveja de mim por eu ser tua, então gosto que ellas me vejam segura pelo teu braço; docemente reclinada sobre o teu hombro... enternecida... feliz...

D. JOÃO.

Sophia!...

SOPHIA.

Então, é pelo teu braço que gosto de mim; negar-t'o, para que?... Olha, João, não acredites nunca a mulher que te diga — eu não gosto que me adorem, não gosto que me sigam, não gosto que me façam a corte; não acredites... não?

D. JOÃO.

Tens razão, meu anjo.

SOPHIA.

E se alguma regra ha no mundo que não tenha excepção é essa... (começando a calçar umas luvas cinzentas claras cozidas com preto). Podemos gostar exclusivamente de um homem, ser d'elle unicamente, guardarmos-lhe uma fidelidade a toda a prova, e continuarmos a ambicionar a adoração dos outros! Ora dize, estas mesmas adorações que nos cercam não são um incentivo para vocês gostarem mais de nós?... Ai que grande infelicidade!... a minha luva... e então não rasguei a minha luva?!... Juro-lhe, D. João, que não podia ter agora contrariedade maior.

D. JOÃO.

Não te afflijas; porque não levas tu luvas brancas?

SOPHIA.

Porque não fiz tenção; era um capricho; não posso; não vou ao baile senão com umas luvas assim. Bem sei que luvas d'esta cor, cozidas com retroz preto, são mais proprias para lucto alliviado, e não vão muito bem com vestidos claros e flores alegres!... mas era um capricho! (batendo o pé na casa phrenetica, mas sem má educação) Tu não sabes o que é uma mulher quando faz tenção... (triste) Se tu não sabes...

D. JOÃO.

Mas o luveiro fez umas eguaes para dar á ultima hora á condessa Aurelia.

SOPHIA.

(Admirada) O que dizes tu?... Como soube ella?... (reflectindo) Ah!... imprudente que eu sou... (muito alegre) Vaes-m'as buscar, custem o que custarem; vaes, não é assim?...

D. JOÃO.

Mas...

SOPHIA.

Não me faças reflexões, anda... anda, meu amor.

D. JOÃO.

Adeus! Eu t'as mando, e até ao baile.
(Continua.)

Ilha de Porquerolles.

A ilha de Porquerolles, que a nossa gravura representa, deve o seu nome á grande quantidade de javalis que abundavam antigamente nas florestas de que está cheia. O solido castello, que eleva as suas muralhas ao pino d'este escarpado rochedo, foi edificado no tempo de Luiz XIV.

Um pharol, muito util á navegação das costas d'esta parte do Mediterraneo, foi collocado sobre a ponta sul de Porquerolles, e o alcance das suas lentes é, segundo se affirma, de vinte milhas maritimas.

E junto á fortaleza que se construiu, ha alguns mezes, o acampamento onde se restabelecem, graças aos assíduos cuidados do governo francez, os pobres *zuavos* que voltaram doentes da Criméa. Barracas commodas tinham sido levantadas junto da praia, em uma posição simultaneamente salubre e agradável. Cada barraca estava munida dos utensilios necessarios á vida do soldado; e as abundantes ra-

ções, os cuidados assíduos, juntos á pureza do ar e ás brisas refrigerantes do mar, contribuem todos os dias a restituir a saúde aos desgraçados fragmentos da guerra da Criméa.

Pesca do coral.

Assim como a perola, tambem o coral é producto do mar. Esta preciosa materia não passa de ser obra de milhões de fracos seres, apenas dotados de organização animal, mas que pelos seus constantes esforços durante a sequencia de seculos chegam por fim a construir grandes edificios, e a levantar montanhas, ilhas, e até continentes. Quem vê este polypo, o animal mais pequenino, e tambem o mais antigo de toda a creação, não imagina que é o artista mais paciente, laborioso, e infatigavel que a natureza emprega na construcção da crusta exterior do globo terraqueo.

O coral pertence a essa grande e bisarra familia das madreporas-coralinas, entre as quaes ha muitas, cuja descripção é impossivel; tendo umas o aspecto de verdadeiras plantas terrestres, cada ramo das quaes se corôa de flores estrelladas e de vivas côres; e outras assimilando-se a plumas, ás gramineas, etc. Dioscorido, Plinio, Cesalpino, e Tournefort, pensavam que este polypo era uma pedra vegetal, porque a base adheire sempre ás rochas, e como as arvores, produz tronco que se subdivide em ramos. Foi em 1740 que um medico de Marselha, Peysonnal, confirmou por pacientes e sabias observações, o que Imperat cincoenta annos antes suppozera. Comtudo, se se aponta a existencia de um animalculo no coral, não se conhece ainda de certo o seu modo de crescer e reproduzir, se bem que se acredita ser igual ao das conchas.

Esta substancia é resultado da aglomeração de celulas construidas perpendicularmente umas ás outras, partindo do fundo do mar, e levantando-se incessantemente até ao seu nivel nas mais baixas marés. Os archipelagos da Polynesia e d'Australia tem por base massas de coraes. Os recifes que circundam estas ilhas como um cinto, formam immensas muralhas a pique, do alto das quaes a vista se immerge perpendicularmente a milhares de toesas n'um mar profundo, e sempre transparente. Quando se acaba um banco de coral, o cume do seu recife está á flor d'agua ficando a secco em maré baixa, os polypos cessam de levantar estas construcções; e este rochedo cobre-se logo de uma espessa camada de detritus, arêas, restos de conchas, impellidos pelas ondas, que calcinados depois pelo calor do sol, reunidos e solidificados por arêas calcareas, depressa formam uma massa solida, assaz elevada para se não submergir nas marés altas. Novos restos augmentam a altura do recife, como, por exemplo, as ossadas de animaes marinhos, as algas, misturadas com arêas, amontoando-se troncos de arvores, o guano das aves maritimas que descansam n'este solo movediço; n'uma palavra, tudo que o mar acarreta ali se consojida. Cada maré, cada brisa traz o seu tributo; pouco a pouco, este banco toma a forma de ilha; as plantas marinhas enraizam e estendem-se por ella; a noz do côco, arrastada pelas correntes, germina na sua margem, e eis que nasce uma floresta: o mar conduz depois ovos de reptis, insectos, etc.; os passaros terrestres ahi vão, e depõem sementes de arvores e de plantas, e eis a ilha povoada de animaes, e coberta de vegetaes: o solo fertilisa-se, e o homem, levado pela tempestade, apodera-se d'aquella ilha, cultiva-a e povoa-a.

O grande oceano indico está, por assim dizer, calçado e coroado de uma immensidade de ilhas e ilhotas de coral, ou rochedos submarinos da mesma natureza, que se elevam rapidamente nas aguas. Pode já prever-se o momento em que todos estes fragmentos, reunidos a outros fragmentos intermedios que vão crescendo, formarão um vasto continente. Serão necessarios de certo muitos seculos para se operar esta grande revolução. O que são porém seculos para a natureza? Hade chegar o tempo, quer seja em dez mil annos, quer em dez milhões de annos, que a Nova Hollanda, a Nova Guiné, e a Nova Caledonia, n'uma palavra, todos esses labyrinthos de ilhas que constellam estes mares, se encontrarão reunidos. Cook, que mais que ninguém teve occasião de fazer observações sobre

o polypo-coral, diz que n'este vasto archipelago doentio, os bancos e recifes madreporicos o impediam muitas vezes de abordar, e que na sua ultima viagem, a entrada dos havres em que precedentemente ancorara, estava fechada pelo crescimento dos coraes. O infeliz Lapeyrouse perdeu-se, e mais a sua equipagem, nos bancos de recifes de polypos, que os geographos designam nas cartas sob o nome de *vanicoro*.

Os navegantes conhecem o grande banco de coral da Oceania, que o governo inglez fez sondar e marcar com a maior exactidão possivel, pelo interesse da sua marinha mercante. É sabido hoje que tem mil milhas de comprimento, e a sua altura, sondada n'um cento de logares, calcula-se, termo medio, em trezentos ou quatrocentos metros, e forma cadêas de montanhas, picos que cada dia mais sobem, e são maiores tres vezes que os de Inglaterra. A costa oriental da Criméa, as margens da ilha de Taman, e as margens do mar Vermelho, estão cobertos de picos de polypeiros.

O coral, que é objecto de um commercio bastante extenso para os habitantes das margens do Mediterraneo, é uma especie de arbusculo, mais ou menos ramudo, assimilando-se perfeitamente a qualquer arbusto anão e sem folhagem. Tem braços muito ramificados, quasi sempre curvados, e arredondados na tige principal. A maior altura dos ramos é de cincoenta a oitenta centimetros, e nunca mais. Esta substancia tem a dureza do marmore. Quando a tiram do mar vem sempre involvida n'uma capa calcarea gelatinosa, e coberta de corpusculos pedregosos. Aquella camada facilmente se despega á pressão dos dedos; mas quando secca, pelo ardor do sol, é preciso queimal-a para se desembaraçar d'ella cada ramo de per si, que do contrario ha risco de partir os melhores pedaços de coral. Ha tres qualidades d'este polypo de cor encarnada: o carmesi carregado, o encarnado claro, e o vermelho que é mui raro. Tambem o ha branco amarellado, que se não estima, e raras vezes se emprega no commercio.

O coral de que os italianos se servem procede de Messina. As pescarias estão divididas em dez localidades, porém cada anno sómente se explora uma. O governo da Sicilia fez regulamentos mui apertados prohibindo pescar n'outro local que não seja o determinado annualmente, e isto para se não esgotar a creação do coral, que leva dez annos para adquirir o tamanho de que é susceptivel. Os que se empregam em França são tirados das costas da regencia de Tunis e da Africa franceza. Tem-se notado que os melhores se criam nas aguas tranquillias. Os que vem a Portugal tambem são de Tunis.

Os pescadores de coraes procuram-n'os a dez e doze braças de profundidade; e nunca a mais de vinte cinco, porque quanto mais se desce mais pequeno é. O instrumento de que se servem é uma corda comprida atando na extremidade dois paus grossos em forma de cruz. Em cada extremidade d'estes paus, que tem enleado canhamo ou estopa, ha uma rede de malhas bem abertas, e feita á feição de sacco. Atirado este aparelho á agua, com uma bala ou pedra grande, vem depois arrastado pelos marinheiros para sobre as rochas, manobrando de sorte a introduzil-o pelas saliencias, afim de desprender os coraes que se enredam na estopa ou enlaçam nas redes. Muitos caem ao mar, e então os mergulhadores vão buscar-os. Descem n'uma especie de cesto cylindrico cheio de pedras. Esta operação é difficil, porque cada homem não pode estar debaixo d'agua mais de um minuto até minuto e meio.

O coral emprega-se desde tempo immemorial em enfeites. Apesar de Plinio fallar d'elle, parece que os romanos não o usavam muito. Nas excavações de Herculano e Pompeia achou-se grande quantidade de enfeites e joias de toda a especie, porém poucos de coral. Esta materia prima serve excellentemente a obras de cinzel e de gravura. Na India, e entre os arabes, os chins, e os manchous, aprecia-se o coral mais do que na Europa. Tem-se procurado imital-o, bem como as perolas finas, porém a vista menos experiente logo descobre a falsificação.

Dividir para reinar, é o caracteristico da tyrannia systematica.

Quanto valia ter rabicho no anno de 1799.

Durante o periodo da contra revolução de Napoles no anno de 1799, obra pela maior parte dos salteadores calabrezes, e dos *lazaroni* napolitanos, e na qual tomara grande parteo alto clero, o exercito republicano francez teve que sair do reino de Napoles, e todos os napolitanos em quem recairam suspeitas de republicanismo ou de jacobinismo ficaram expostos á sanha popular. Por muitos dias os realistas, ou segundo elles proprios se appellidavam, os *santa fedista* (sectarios da fé) tomaram sobre si todos os actos de cruel vingança, que exerciam por modo summario. A maneira porque decidiam do character politico de qualquer individuo, era a mais simples possivel. Examinavam se o suspeito usava ou não rabicho, moda então em voga, que se vulgarizou com a entrada do exercito francez, e era usada pela nobreza do paiz, e pelas classes abastadas. Se o individuo trazia rabicho era tido por vassallo fiel de sua magestade, e considerado como bom catholico; mas se acaso o não trazia, desde logo era reputado jacobino — inimigo do rei e da fé — e então pobre d'elle, que, quando menos, não escapava ao punhal. Debalde protestava que era vassallo pacifico e dedicado á pessoa d'el-rei. Faltava-lhe o passaporte de religioso e leal vassallo, não usava rabicho, o que bastava para ser tido em conta de rebelde e traidor!

Passada essa epoca de desordens e de tribulações, o uso do rabicho proscreeu em geral, e acabou em Napoles até entre a nobreza, e só se via no beijamão, ou em algum antigualha da córte como D. Pepino Minutoli, ou outros que taes, que conservavam grande apego aos usos antiquados, não querendo o chapeo de galão de oiro que o rei Fernando tanto amava.

Alguns senhores napolitanos de mais avançada idade traziam comtudo rabicho, que escondiam debaixo da gola da casaca; uns como prova da sua fidelidade, outros porém por motivos de prudencia, e de cautela preventiva, não sabendo o que traria o futuro, segundo elles diziam. E em verdade mais de um deveu a vida na epoca dos disturbios ao abençoado rabicho!

No verão do anno de 1818 o rei, por occasião de um ligeiro ataque de cabeça que soffrera, foi aconselhado pelos seus medicos a cortar o rabicho, e a muito custo consentiu entregal-o á tesoura do seu cabelleireiro; a noticia causou grande sensação na córte, e no mundo napolitano!

Estava eu, diz um viajante inglez nas suas impressões de viagem, na opera do theatro de S. Carlos em Napoles, quando chegou o principe de... um dos camaristas do rei, que vinha do palacio, e perguntado pelas novidades do dia, respondeu: — *il ré s'é tagliato il codino* (o rei cortou o rabicho)! Este acontecimento de *alta importancia* repetia-se por todos os camarotes, e na platéa, e pelo espaço de dois ou tres dias occupou a attenção publica! o que levou o viajante inglez que deixamos mencionado a dizer — «se el-rei ha vinte annos tivesse feito o que hoje fez, teria então poupado a vida do meu bom irmão o capitão Bleke, que pela falta de rabicho caiu em um tumulto popular victima do punhal dos assassinos, que por lhe não verem rabicho o sacrificaram como *jacobino afrancezado*».

Apontamentos biographicos.

MAXIMILIANO II, REI DE BAVIERA.

Maximiliano II reune ao titulo de rei da Baviera os de conde palatino do Rheno e duque de Baviera, Franconia e Suabia. É proprietario do regimento de coiraceiros austriacos n.º 2, e comandante do oitavo regimento de hussards prussianos.

Este principe é o 64.º soberano de Baviera, oito dos quaes foram reis francos: Carlos Magno, que destruiu Aglolfinges, cujos estados reuniu ao seu imperio, Luiz I o Bondoso, Luiz II o Germanico, Carloman, Luiz III, Carlos o Gordo, Arnoul, e Luiz IV; a este ultimo, que termina a lista dos imperadores Carlovingianos, succederam os duques bavaros.

Maximiliano reina, como se vê, sobre uma região que por mais de um quarto de seculo, de 788

a 817, esteve unida ás provincias francezas pelos laços d'uma administração—ou antes d'uma nacionalidade—commum, e que quasi um seculo ainda esteve sob o sceptro d'imperadores saídos do sangue real de França.

É o terceiro rei da casa palatina, que tem exercido o supremo poder em Baviera por quatro de seus membros; mas o primeiro, Carlos Theodoro, administrou este paiz, de 1777 a 1779, com o titulo d'eleitor. Seu filho, Maximiliano José, succedeu-lhe tambem n'esta qualidade; e só em 1806 viu a cadeira eleitoral mudada em throno: ahi subiu sob o nome de Maximiliano I. A corôa, que Luiz I—o rei poeta—possuiu de 1825 a 1848, passou, pela abdicção que fez n'esta ultima epoca, para a cabeça do mais velho de seus oito filhos, o soberano actual.

Maximiliano II nasceu a 28 de Novembro de 1811. A sua apparencia é de rara distincção. A testa larga e alta, e o olhar agradável e penetrante ao mesmo tempo illuminam-lhe as feições de um reflexo d'intelligencia, que o sorriso benevolente de seus labios pronunciados, sem exageração, muda em expressão de espirituosa bondade. Esposou, em 1842, a princeza prussiana Frederica Francisca Augusta Maria Edwiges, filha de Frederico Guilherme Carlos, irmão do rei Frederico Guilherme IV. Faz parte, como se vê, pelos laços mais estreitos, das familias soberanas da Prussia, Russia e Austria. Este consorcio, feito por procuração a 5 de Outubro, foi celebrado pessoalmente dez dias depois. Tem dois filhos: Luiz Othão Frederico Guilherme, principe real, nasceu a 25 d'Agosto de 1845; e o principe Othão Guilherme Leutp Adalberto Waldem, nasceu a 27 d'Agosto de 1848.

N'um album.

Conheço um anjo, que tocando a terra,
Largou as azas para ser mulher!
Ai! mas nas formas que a revestem hoje,
É inda o anjo, não mudou de ser!

Olhando prende, n'um sorriso encanta,
E n'uma phrase de extremo enleio,
As almas torna desde então captivas,
E vão por patria procurar-lhe o seio.

Ao anjo adorna tal modestia e tanta,
Que nem repara no poder que tem,
Nem sabe incauto, que prendendo as almas,
Faz mil desgraças por fazer um bem.

Que importa! ao menos illumina o culto,
Dos paes que o Eterno lhe emprestou dos ceos
Para elles vive, que por elle morrem,
Que importa os outros? São vassallos seus!

Amor.

Que palavra de mysterios,
E' esta palavra amor,
Que a existencia imbebe em gosos,
E que enche a alma de dôr;
Que em continua anciedade
Junta os zelos á saudade,
No rendido coração,
Que uma vez murcha a esp'rança,
Outras tira a confiança,
Que faz da vida illusão.

É palavra de que os labios,
Muito abusam muita vez
Do livro dos sentimentos,
O tempo quasi a desfez.
Eu por mim não creio n'ella,
É palavra que nivella,
A verdade co'o mentir,
Mais eu creio na amizade,
Que firmada a lealdade,
Sem traição sabe existir.

MENDES LEAL (ANTONIO).

Obituario.

— A joven princeza de Nassau, que nasceu em 14 de Novembro passado, falleceu no dia 28 do seguinte Dezembro.

— A condessa Sophia de Sandizelle, antiga dama de honor da fallecida duqueza de Leuchtenberg, morreu o mez passado em Munich.

— Falleceu no dia 4 do corrente, em Milão, ás 8 horas da manhã, o famoso marechal Radetzki.

— A grande tragica franceza, Rachel, morreu no dia 3, em Canet, junto a Toulon. Tinha de idade trinta e sete annos e seis mezes. Havia debutado no anno de 1837. O seu corpo hade ser conduzido a Paris, e ahi depositado no cemiterio hebraico.

— O conselheiro Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, distincto pelo seu saber na profissão medica, falleceu em Lisboa de um ataque da epidemia reinante, tendo sacrificado sua vida no serviço da humanidade enferma.

— O tenente general visconde de Estremoz, Salazar Moscoso, foi sepultado no cemiterio dos Prazeres.

— Falleceu no Brazil, de uma apoplexia fulminante, o doutor Adriano Ernesto de Castilho Barreto, advogado que foi n'esta córte, onde serviu tambem na magistratura.

Explicação do enigma do numero antecedente.

As armas e as lettras ennobreceram Portugal.



Soberba.